



A RACIONALIDADE DO SENTIR: FUNDAMENTOS NEUROBIOLÓGICOS DA DECISÃO ÉTICA

THE RATIONALITY OF FEELING: NEUROBIOLOGICAL FOUNDATIONS OF ETHICAL DECISION-MAKING

LA RACIONALIDAD DEL SENTIR: FUNDAMENTOS NEUROBIOLÓGICOS DE LA DECISIÓN ÉTICA

DOI: 10.5281/zenodo.17516328



Pedro Henrique Gonçalves da Silva Santos¹

RESUMO

O presente artigo analisa a influência dos mecanismos neurobiológicos na formação moral humana, destacando a relação entre ética, emoção e estrutura cerebral. A partir de uma abordagem interdisciplinar entre neurociência e filosofia moral, discute-se como experiências afetivas e sociais moldam os circuitos neuronais responsáveis pelo julgamento ético, sustentando a hipótese de que a moralidade é um produto evolutivo da interação entre razão e emoção. O trabalho explora, ainda, a importância da neuroplasticidade como fator determinante na adaptação moral, mostrando como contextos abusivos ou violentos podem distorcer a percepção do que é “certo” ou “errado”. Ao articular conceitos de autores como Antonio Damasio, Patricia Churchland e Joshua Greene, a análise propõe uma reflexão sobre o papel da empatia, da educação e da cultura no desenvolvimento de padrões morais mais conscientes e éticos.

Palavras-chave: Neurociência; Moralidade; Ética; Emoção; Neuroplasticidade.

¹ Graduando em licenciatura em Pedagogia - Universidade Anhanguera; graduando em Bacharel em Filosofia - Universidade Cruzeiro do Sul.





ABSTRACT

This paper analyzes the influence of neurobiological mechanisms on human moral formation, highlighting the relationship between ethics, emotion, and brain structure. Through an interdisciplinary approach between neuroscience and moral philosophy, it discusses how affective and social experiences shape the neural circuits responsible for ethical judgment, supporting the hypothesis that morality is an evolutionary product of the interaction between reason and emotion. The paper also explores the importance of neuroplasticity as a determining factor in moral adaptation, showing how abusive or violent environments can distort the perception of “right” and “wrong.” By articulating the ideas of authors such as Antonio Damasio, Patricia Churchland, and Joshua Greene, the analysis reflects on the role of empathy, education, and culture in developing more conscious and ethical moral patterns.

Keywords: Neuroscience; Morality; Ethics; Emotion; Neuroplasticity.

RESUMEN

El presente artículo analiza la influencia de los mecanismos neurobiológicos en la formación moral humana, destacando la relación entre ética, emoción y estructura cerebral. A través de un enfoque interdisciplinario entre neurociencia y filosofía moral, se discute cómo las experiencias afectivas y sociales moldean los circuitos neuronales responsables del juicio ético, apoyando la hipótesis de que la moralidad es un producto evolutivo de la interacción between razón y emoción. El trabajo explora, además, la importancia de la neuroplasticidad como factor determinante en la adaptación moral, mostrando cómo los contextos abusivos o violentos pueden distorsionar la percepción de lo “correcto” o “incorrecto”. Al articular los conceptos de autores como Antonio Damasio, Patricia Churchland y Joshua Greene, el análisis propone una reflexión sobre el papel de la empatía, la educación y la cultura en el desarrollo de patrones morales más conscientes y éticos.

Palabras clave: Neurociencia; Moralidad; Ética; Emoción; Neuroplasticidad.

INTRODUÇÃO

A compreensão da moralidade humana exige mais do que uma análise puramente filosófica: requer a integração de ética, neurociência e psicologia evolutiva. Ao longo da história, discussões sobre o “bem” e o “mal” estiveram ancoradas em paradigmas metafísicos, religiosos ou dogmáticos. Contudo, o avanço das ciências cognitivas e das neurociências proporcionou um novo campo de investigação sobre como o cérebro humano elabora juízos morais e éticos. Essa mudança de perspectiva desloca a moral da esfera exclusivamente racional para um espaço biológico e emocional, no qual razão e emoção se inter-relacionam na construção do juízo ético (DAMASIO, 2021).

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.3.n.5. out/nov/dez. 2025 - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





Segundo Patricia Churchland (2011), a moralidade não deve ser compreendida como uma entidade abstrata e transcendental, mas como uma função emergente de sistemas neurais voltados à sociabilidade e à cooperação. A autora destaca que o cérebro humano desenvolveu mecanismos de empatia e reciprocidade que sustentam o comportamento ético, permitindo que indivíduos compreendam e antecipem o estado emocional dos outros. Tal capacidade é fundamental para a manutenção da coesão social e para a sobrevivência da espécie.

Estudos contemporâneos em neurociência moral demonstram que o córtex pré-frontal ventromedial, a amígdala e o sistema límbico exercem papel decisivo na regulação dos julgamentos morais. Greene (2013) aponta que dilemas morais ativam regiões cerebrais distintas dependendo do tipo de decisão — se emocional ou utilitarista — evidenciando que o processo moral não é puramente racional, mas resultado de uma interação complexa entre emoção e cognição.

Ao considerar a influência de experiências afetivas e culturais na formação moral, torna-se evidente que a moralidade não é fixa, mas dinâmica. A neuroplasticidade — capacidade do cérebro de modificar-se estrutural e funcionalmente em resposta às experiências (DOIDGE, 2007) — revela que o comportamento ético é continuamente moldado pelas interações sociais. Indivíduos expostos a contextos abusivos ou violentos tendem a desenvolver respostas morais distorcidas, nas quais sofrimento e opressão se tornam padrões normalizados de convivência.

Essa plasticidade moral indica que a ética humana é maleável e pode ser reconfigurada por meio da educação e do ambiente. Gazzaniga (2005) afirma que o senso moral é uma propriedade emergente da mente social, e não uma entidade imutável. Isso significa que as estruturas neurais associadas à empatia e ao julgamento ético podem ser fortalecidas através da convivência, da reflexão e da experiência emocional. A educação moral, portanto, não deve limitar-se à transmissão de valores, mas à criação de ambientes que favoreçam o desenvolvimento da empatia, da justiça e do pensamento crítico.

Com base nesse panorama, este trabalho propõe uma análise da neuroplasticidade moral — conceito que expressa a capacidade do cérebro humano de adaptar seus padrões





éticos de acordo com experiências de vida e estímulos emocionais — buscando compreender como os mecanismos cerebrais interagem com vivências sociais para formar o senso de certo e errado, e como esse processo pode ser direcionado para uma ética mais consciente e racional.

1. ASPECTOS NEUROBIOLÓGICOS E SENSORIAIS DA MORALIDADE

A moralidade humana, frequentemente atribuída a princípios racionais ou religiosos, é, na realidade, um fenômeno com base neurobiológica complexa. Os julgamentos morais e as decisões éticas cotidianas dependem de processos cerebrais que integram emoção, percepção e cognição. Segundo Damasio (2021), o ser humano pensa e age moralmente não a partir de uma racionalidade pura, mas a partir de um entrelaçamento entre emoção e consciência, em que as reações afetivas moldam a própria estrutura do raciocínio ético.

Estudos de neuroimagem funcional confirmam que a atividade emocional precede a decisão moral. Greene (2013) demonstrou que dilemas éticos ativam o sistema límbico e o córtex pré-frontal ventromedial, regiões associadas a respostas afetivas e empáticas. Isso indica que a moralidade não emerge de uma deliberação lógica, mas de uma reação sensorial e emocional, posteriormente modulada pela razão. Em outras palavras, o cérebro “sente” antes de “pensar”, e o juízo moral nasce dessa fusão entre sentir e raciocinar.

Gazzaniga (2005) acrescenta que a moralidade deve ser vista como produto da consciência social, e não apenas individual. A mente humana evoluiu em contextos cooperativos, nos quais a sobrevivência dependia da capacidade de reconhecer intenções e emoções alheias. Essa habilidade, associada à ativação da amígdala e do giro temporal superior, permitiu ao ser humano desenvolver empatia e prever o comportamento do outro — fundamentos indispensáveis da ética social.

Do ponto de vista sensorial, a moral manifesta-se através de respostas fisiológicas imediatas. Koenigs e Tranel (2021) verificaram que indivíduos com lesões na região ventromedial do córtex pré-frontal apresentam déficit de empatia e frieza moral, demonstrando que a percepção física do sofrimento alheio está diretamente ligada à estrutura





neural. Tais dados reforçam a tese de que a moralidade é inseparável do corpo: ela nasce da sensação, da experiência emocional e da dor percebida, antes mesmo de qualquer formulação racional.

Outro aspecto relevante é o papel do sistema dopaminérgico na experiência moral. Pesquisas recentes revelam que comportamentos altruístas e éticos ativam os mesmos circuitos de recompensa que ações prazerosas, como comer ou ouvir música (MOLL et al., 2022). Essa descoberta reforça que agir moralmente não é apenas culturalmente incentivado, mas biologicamente recompensador, evidenciando uma interconexão entre prazer e virtude. A moral, portanto, pode ser compreendida como um fenômeno adaptativo, inscrito na fisiologia do prazer e da empatia.

Essa interdependência entre corpo, emoção e ética aproxima a neurociência da filosofia moral contemporânea. Churchland (2011) argumenta que as bases neurais da moralidade não diminuem o valor filosófico da ética; ao contrário, o enriquecem, revelando que os valores morais emergem de uma estrutura biológica programada para a convivência e proteção mútua. Compreender a moral como fenômeno neurobiológico não é negar sua dimensão filosófica — é aprofundá-la, unindo empirismo e reflexão ética.

2. ESTRUTURAS CEREBRAIS ENVOLVIDAS

A moralidade, enquanto processo cognitivo e emocional, é sustentada por uma rede cerebral complexa que integra regiões responsáveis pelo raciocínio, empatia e autorregulação. Pesquisas em neurociência moral indicam que não existe um “centro da moralidade” isolado, mas um sistema interconectado que processa dimensões afetivas e racionais do julgamento ético (YOUNG; KOENIGS, 2021).

Entre essas estruturas, o córtex pré-frontal ventromedial (CPFvm) ocupa posição central. Essa região integra sinais emocionais às decisões sociais e éticas. Damasio (2021) observa que indivíduos com lesões no CPFvm tendem a tomar decisões morais frias e utilitaristas, evidenciando uma dissociação between emoção e razão. Embora capazes de





avaliar logicamente as consequências de uma ação, perdem a capacidade de perceber afetivamente o sofrimento alheio — demonstrando a dependência emocional da moralidade.

A amígdala, núcleo do sistema límbico, processa emoções, principalmente medo e empatia. Greene (2013) mostrou que dilemas morais pessoais, como o “problema do bonde”, ativam intensamente a amígdala e o CPFvm, evidenciando que o julgamento moral é inseparável de respostas emocionais automáticas. Assim, a amígdala atua como um detector afetivo, atribuindo valor moral às ações humanas e transformando a percepção de injustiça ou crueldade em respostas fisiológicas e comportamentais.

A ínsula anterior também é crucial na experiência moral, sendo responsável pela percepção visceral e pelo reconhecimento da dor — física ou emocional. Singer e Lamm (2009) apontam que a ínsula é ativada quando o indivíduo observa o sofrimento de outro, indicando que o cérebro simula internamente o estado emocional alheio. Essa “ressonância empática” constitui a base neurobiológica da compaixão e da solidariedade, essenciais à construção de valores éticos.

O córtex cingulado anterior (CCA) complementa essa rede, regulando o conflito entre emoção e razão. Gazzaniga (2005) destaca que o CCA medeia entre impulsos morais e cálculos racionais, ajustando comportamentos conforme normas sociais. Desse modo, o julgamento moral emerge da negociação constante entre emoção, raciocínio e contexto.

O estriado ventral e o núcleo accumbens estão envolvidos na sensação de recompensa associada ao comportamento ético. Moll et al. (2022) demonstraram que atitudes altruístas ativam os mesmos circuitos dopaminérgicos ligados ao prazer e à motivação, indicando que agir moralmente é intrinsecamente recompensador.

A interação dessas estruturas mostra que o julgamento moral não é apenas cognitivo, mas emergente da dinâmica cerebral. A moralidade resulta do equilíbrio entre forças emocionais da amígdala e da ínsula e o controle racional do córtex pré-frontal e do cingulado anterior, revelando o caráter profundamente humano da ética: pensar moralmente é, antes de tudo, sentir.





3. A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE E DA NEUROPLASTICIDADE

A moralidade humana não é um traço fixo ou inato; é produto da interação entre predisposições biológicas e experiências ambientais. O cérebro, longe de ser uma estrutura estática, possui a capacidade de remodelar-se continuamente em resposta a estímulos internos e externos — fenômeno conhecido como neuroplasticidade. Essa plasticidade é a base da adaptação moral, permitindo que os circuitos neurais responsáveis pelo julgamento ético se modifiquem conforme o contexto de vida e as relações sociais (DOIDGE, 2007).

A neuroplasticidade moral manifesta-se de maneira particularmente evidente na infância, período em que as conexões sinápticas são altamente sensíveis ao ambiente social. Experiências afetivas saudáveis — como empatia, acolhimento e diálogo — fortalecem as vias neurais associadas à compaixão e à reciprocidade. Por outro lado, ambientes abusivos ou violentos podem gerar respostas emocionais distorcidas, consolidando padrões de comportamento baseados no medo e na submissão (TEICHER et al., 2020). Assim, o meio exerce influência direta sobre a formação moral, podendo tanto expandir quanto limitar a capacidade de julgamento ético.

Pesquisas em neurociência social indicam que a exposição prolongada à violência modifica o funcionamento da amígdala e do córtex pré-frontal, alterando o equilíbrio entre emoção e razão (MCLAUGHLIN et al., 2021). Crianças que crescem em contextos coercitivos tendem a apresentar hipersensibilidade emocional e menor regulação racional diante de dilemas morais. Esse desequilíbrio, quando não corrigido, pode perpetuar ciclos de agressividade e intolerância, demonstrando que o comportamento ético não é apenas aprendido, mas fisicamente estruturado no cérebro.

Em contrapartida, contextos educativos que promovem reflexão crítica e empatia favorecem a formação de redes neurais mais estáveis e cooperativas. Goleman (1995) observa que a educação emocional é uma ferramenta poderosa para fortalecer a neuroplasticidade positiva, estimulando o reconhecimento das próprias emoções e das emoções alheias, ampliando a consciência ética. A convivência em ambientes socialmente equilibrados reforça





as sinapses ligadas à autorregulação e à empatia, criando uma arquitetura cerebral propícia à moralidade altruísta.

A cultura também desempenha papel determinante, atuando como matriz simbólica na qual o indivíduo aprende o que é “moralmente aceitável”. Churchland (2011) ressalta que, embora o cérebro possua circuitos predispostos à cooperação, é a cultura que define o conteúdo e a direção dessas predisposições. Em sociedades autoritárias, por exemplo, os mecanismos neurais da obediência podem ser reforçados em detrimento da autonomia moral; em culturas democráticas e empáticas, a neuroplasticidade é direcionada à justiça e à solidariedade. Dessa forma, a moralidade é simultaneamente biológica e histórica.

No âmbito da filosofia moral, essas evidências possuem implicações profundas. Se a ética é moldável, então o “bem” e o “mal” deixam de ser absolutos, passando a ser compreendidos como configurações neurais adaptativas. A neuroplasticidade moral não apenas explica a variação dos valores humanos, mas oferece esperança: a possibilidade de reconstrução ética por meio da educação, do diálogo e da empatia. Como observa Damasio (2021), “a consciência moral é o resultado de um cérebro que aprendeu a sentir o outro como extensão de si mesmo”.

Compreender a influência do ambiente sobre o cérebro equivale a compreender o próprio movimento da ética. A transformação moral da humanidade depende de processos plásticos e coletivos — um trabalho contínuo de ressignificação social, cultural e emocional. Nesse contexto, a neuroplasticidade revela-se não apenas como um mecanismo biológico, mas como a ponte entre o ser e o dever-ser, entre o impulso e a reflexão, entre o instinto e a razão.

4. A ÉTICA COMO CONSTRUÇÃO EVOLUTIVA

A moralidade, ao contrário do que sustentam doutrinas dogmáticas, não é uma concessão divina nem um sistema metafísico de valores imutáveis. Ela emerge como um fenômeno biológico e social, enraizado na própria estrutura evolutiva da espécie humana. Desde os primórdios, o comportamento ético foi moldado por pressões seletivas que favoreceram a cooperação, a empatia e o senso de justiça — elementos indispensáveis à





sobrevivência em grupo (DE WAAL, 2019). A ética, nesse sentido, é a expressão consciente de um instinto de convivência que se refinou ao longo de milhares de anos.

Estudos em etologia comparada mostram que comportamentos morais rudimentares podem ser observados em outras espécies sociais, como chimpanzés, golfinhos e corvos, que exibem reciprocidade, solidariedade e até senso de reparação após conflitos (BOEHM, 2012). Esses padrões sugerem que a base da ética humana antecede a razão, estando ligada a mecanismos emocionais ancestrais de empatia e cooperação. O diferencial humano reside na capacidade de reflexão simbólica — a habilidade de transformar emoções em princípios e princípios em sistemas normativos.

Com o advento da linguagem e da consciência coletiva, a moralidade deixou de ser apenas um impulso emocional, tornando-se um projeto social. O cérebro humano, dotado de elevada plasticidade, internaliza normas e valores, criando representações mentais que guiam o comportamento mesmo na ausência de estímulos externos. A ética evolutiva, portanto, nasce da tensão entre instinto e razão, entre necessidade biológica e ideal construído. Como observa Wilson (2012), “a moral é o instinto da cooperação tornado consciente”.

Ao longo da história, diferentes culturas elaboraram códigos morais refletindo suas condições ambientais e modos de subsistência. Povos nômades priorizavam a lealdade e a partilha; sociedades agrícolas enfatizavam hierarquia e disciplina; civilizações urbanas passaram a valorizar direito e igualdade formal. Apesar das diferenças, esses padrões partilham uma matriz evolutiva comum: a busca pela estabilidade social como meio de perpetuar a espécie (PINKER, 2018). Assim, a ética, em sua essência, é uma estratégia de sobrevivência coletiva disfarçada de princípio universal.

A neurociência contemporânea confirma essa origem adaptativa ao demonstrar que o julgamento moral ativa circuitos cerebrais relacionados à emoção e à recompensa, como córtex orbitofrontal e corpo estriado ventral (GREENE et al., 2020). Isso indica que o ato de “agir corretamente” produz prazer e reforço neural — um mecanismo evolutivo que estimula comportamentos pró-sociais. Em outras palavras, a moralidade é recompensada biologicamente, pois garante coesão e reduz o conflito interno no grupo.





Entretanto, a consciência moral não se limita à herança biológica; ela evolui culturalmente, adaptando-se às transformações tecnológicas e sociais. O avanço da razão e da empatia expandiu o círculo moral humano — que antes se restringia à tribo — para abranger toda a humanidade e, mais recentemente, outras formas de vida. Peter Singer (2011) denomina esse fenômeno de “círculo em expansão”, uma metáfora para a evolução ética como movimento contínuo de inclusão.

Compreender a ética como construção evolutiva implica reconhecer que os valores humanos não são estáticos, mas dinâmicos e sujeitos a transformação. Essa perspectiva desestabiliza o dogmatismo moral e abre espaço para uma ética científica, baseada em empatia, racionalidade e sustentabilidade — princípios que refletem não a submissão a mandamentos, mas a consciência da interdependência entre todos os seres.

Dessa forma, a evolução não apenas nos forneceu o cérebro moral, mas também a responsabilidade de utilizá-lo conscientemente. A ética, enquanto produto da evolução biológica e cultural, não pode ser reduzida a normas impostas externamente. Ela é o reflexo da capacidade humana de transcender instintos primitivos, construindo uma civilização baseada na cooperação e no reconhecimento mútuo. A moral representa o ápice da evolução da consciência: o momento em que o ser humano se torna capaz de deliberar não apenas sobre o que é, mas sobre o que deve ser.

5. A RECONSTRUÇÃO ÉTICA E A REPROGRAMAÇÃO MORAL

Se a moralidade é produto da experiência e da neuroplasticidade, ela também é passível de reconstrução. O cérebro humano mantém, ao longo da vida, uma notável capacidade de reorganizar suas conexões sinápticas em resposta a novos estímulos, ideias e afetos. Essa propriedade permite ao indivíduo reprogramar seus valores e redefinir suas percepções de certo e errado. Em outras palavras, a ética não é um dogma imutável, mas um projeto em constante atualização — um movimento de libertação das amarras cognitivas impostas por séculos de doutrinação cultural e religiosa (DAMASIO, 2021).





A reprogramação moral inicia-se no campo neural, mas se concretiza plenamente no campo cultural. Mudanças éticas profundas exigem a exposição do indivíduo a contextos emocionais e intelectuais inéditos — experiências que desafiem padrões antigos e estimulem a reflexão crítica. Quando alguém confronta crenças morais herdadas e percebe que estas foram construídas externamente, seu cérebro ativa áreas relacionadas ao conflito cognitivo e à aprendizagem empática, como o córtex cingulado anterior e o córtex pré-frontal medial (ZAK, 2012). Essas regiões reinterpretam experiências e atribuem-lhes novos significados morais.

O processo de reconstrução ética é, portanto, neurofilosófico: envolve tanto o redesenho físico das sinapses quanto a reinterpretação simbólica da realidade. A ética se reconstrói quando o indivíduo compreende que sua moral não é intrínseca, mas herdada — passando, então, a escolher de forma autônoma quais valores manter e quais transcender. Nessa convergência, a filosofia fornece o questionamento e a neurociência oferece o mecanismo da mudança.

A educação emerge como instrumento essencial da reprogramação moral, mas não se trata apenas de instrução cognitiva. É uma educação ética baseada em empatia, pensamento crítico e diversidade. Pesquisas em psicologia social indicam que o contato direto com grupos marginalizados reduz preconceitos e aumenta a atividade neural em áreas associadas à empatia (HACKEL et al., 2022). A convivência, portanto, atua como terapia moral: cada interação humana tem o potencial de reconfigurar o cérebro moral, desconstruindo padrões mentais baseados no medo e na hierarquia.

Nesse contexto, o machismo estrutural pode ser compreendido como uma programação moral disfuncional, perpetuada pela repetição de padrões e pela validação social do ego masculino. A mente machista é produto de um sistema de recompensas cerebrais que associa poder à dominação e prazer ao controle (SAPOLSKY, 2017). Assim, sua desconstrução exige mais do que argumentação: requer reeducação emocional, em que o cérebro aprende a sentir prazer na cooperação, na igualdade e no respeito mútuo.

A reprogramação ética envolve, portanto, dois processos complementares:

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.3.n.5. out/nov/dez. 2025 - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





- **Individual:** confrontar crenças, sentimentos e automatismos morais;
- **Coletivo:** criar ambientes sociais propícios à empatia, liberdade e reflexão.

Ambos dependem da neuroplasticidade — a capacidade do cérebro e da cultura de se reinventarem mutuamente. Como observa Gazzaniga (2011), a moralidade é uma “emergência de segunda ordem”: surge da interação entre cérebros, e não apenas dentro de um indivíduo. O futuro da ética depende da interconectividade moral — da construção de redes sociais e educacionais que estimulem diálogo, escuta e pensamento crítico.

Reconstruir a ética vai além de corrigir erros morais: é reescrever a história emocional da humanidade. Trata-se de libertar o pensamento das prisões do dogma, curar o ego ferido pela necessidade de poder e permitir que a empatia se torne o novo eixo da racionalidade. A neurociência comprova que somos biologicamente capazes de mudança; cabe à filosofia mostrar por que e para quê.

O futuro da moralidade depende dessa aliança — entre o cérebro que sente e a mente que reflete, entre instinto e ideal. A ética, assim, deixa de ser um conjunto de regras externas e passa a ser um projeto de consciência coletiva, capaz de transformar sociedades e indivíduos em agentes morais autônomos e conscientes.

6. A NOVA ARQUITETURA MORAL E O FUTURO DA CONSCIÊNCIA ÉTICA

Durante séculos, a tradição filosófica ocidental tentou separar razão e emoção, atribuindo à primeira o domínio da moralidade e relegando a segunda ao campo da irracionalidade. Essa dicotomia cartesiana consolidou a ideia de que agir moralmente seria agir contra as emoções. No entanto, avanços recentes da neurociência e da psicologia moral demonstram que essa divisão é ilusória. A emoção não é inimiga da razão; é sua base fisiológica e existencial (DAMASIO, 2010). Sem emoção, não há decisão ética possível.

A ética contemporânea deve, portanto, ser compreendida como uma síntese entre sentir e pensar, entre impulso e deliberação. Estudos com pacientes portadores de lesões no córtex ventromedial — região que integra emoção e cognição — mostram que a incapacidade de sentir empatia ou culpa compromete o julgamento moral, mesmo que a capacidade lógica





permanença intacta (KOENIGS et al., 2007). Esses achados indicam que a moralidade não é apenas um cálculo racional, mas uma forma de inteligência afetiva. O cérebro ético é, por definição, um cérebro que sente.

Essa nova arquitetura moral apoia-se na interação de três sistemas principais:

1. Sistema límbico: responsável pelas emoções e pela empatia;
2. Córtex pré-frontal: regula impulsos e pondera consequências;
3. Redes de consciência: integram percepção, memória e intencionalidade.

A integração desses sistemas cria uma ponte entre o eu e o outro, entre o desejo e a responsabilidade. A consciência moral emerge desse diálogo interno entre emoção e razão — um processo de equilíbrio dinâmico, e não de repressão (GREENE et al., 2020).

Quando esse equilíbrio se rompe — seja pela repressão emocional ou pela irracionalidade impulsiva — surgem distorções morais. Sociedades que reprimem a empatia em nome da ordem produzem estruturas éticas frias, burocráticas e autoritárias. Por outro lado, comunidades guiadas apenas pela emoção, sem reflexão crítica, tendem ao caos moral e à manipulação afetiva.

A maturidade ética consiste em alcançar a homeostase moral: um estado de consciência no qual emoção e razão cooperam para produzir decisões equilibradas e justas.

Neste novo paradigma, a virtude deixa de ser mera obediência a regras e passa a significar autoconsciência afetiva. Ser virtuoso é reconhecer o impacto das próprias ações sobre os outros, sentir as consequências antes de raciocinar sobre elas e agir de forma coerente com esse sentir. Assim, a ética se torna um exercício de sensibilidade informada, a união entre o coração que compreende e a mente que orienta.

Como observa Bloom (2016), “a empatia sozinha é cega, mas a razão sem empatia é surda”. É na confluência dessas duas dimensões que nasce a moralidade madura.

Essa integração redefine também o papel da filosofia: a ética deixa de ser um campo abstrato de normas e torna-se uma ciência da consciência, investigando como pensamos e sentimos o outro. O filósofo contemporâneo deve compreender o cérebro não como obstáculo





ao pensamento ético, mas como condição de sua própria possibilidade. A biologia não diminui a filosofia; ela a fundamenta.

Nessa perspectiva, o estudo da moralidade torna-se um diálogo entre a sinapse e o símbolo, entre impulso e ideal, entre corpo e espírito. Essa nova arquitetura moral é uma resposta à crise ética contemporânea. Em um mundo saturado por dogmas, polarizações e indiferença, a reconstrução da consciência ética passa pela reconciliação entre sentir e pensar.

A neurofilosofia mostra que o cérebro humano foi moldado para cooperar, não para dominar; para compreender, não para subjugar. A emoção, longe de ser um ruído, é a linguagem pela qual a razão aprende a ser humana.

A verdadeira racionalidade moral inclui o sentimento, e a verdadeira emoção pensa. Neste ponto, ética, ciência e arte convergem — todas nascem do mesmo gesto: compreender o outro em sua plenitude. A nova moralidade não será imposta por leis ou religiões, mas construída pela consciência coletiva que aprendeu a sentir eticamente.

Se a moralidade não é apenas uma coleção de regras externas, mas uma construção emergente da interação entre emoção, razão e experiência, então a ética do futuro deve considerar a plasticidade da consciência humana. A neurociência contemporânea demonstra que o cérebro não é estático; ele se adapta, reconfigura-se e cria novas conexões diante de estímulos, experiências e aprendizados — fenômeno conhecido como neuroplasticidade. A moralidade, portanto, não é rígida nem imutável: ela pode evoluir, amadurecer e expandir-se junto com a humanidade.

O que isso significa para a civilização? Significa que os dilemas éticos do amanhã podem ser enfrentados não apenas por imposição de normas ou dogmas, mas por educação emocional e cognitiva, capaz de cultivar empatia, reflexão crítica e responsabilidade coletiva.

A sociedade do futuro precisa compreender que a virtude não é passiva, mas ativa e treinável: cada indivíduo é um laboratório moral em constante desenvolvimento.

Para isso, a **consciência coletiva** deve ser cultivada, pois o impacto das decisões humanas transcende fronteiras, afetando ecossistemas, culturas e futuras gerações. Trata-se de um sistema em que as ações de cada indivíduo são ponderadas pelo efeito sobre o todo. A





neurofilosofia indica que os seres humanos possuem uma predisposição natural à cooperação, mas ela só se manifesta plenamente quando as condições sociais e cognitivas permitem a expressão da empatia. Assim, uma sociedade ética é aquela que constrói ambientes que fortalecem a moralidade intrínseca: educação, diálogo, incentivo à reflexão e exposição a experiências que ampliem a compreensão do outro.

Essa ética será fundamental para enfrentar **dilemas emergentes**, visto que vivemos uma era em que a tecnologia redefine limites e possibilidades. Inteligência artificial, biotecnologia e conectividade global criam desafios inéditos: decisões automatizadas, manipulação genética, acesso desigual a recursos e informações. A ética futura não pode se restringir a normas antigas; precisa ser dinâmica, contextual e baseada em princípios universais de empatia e racionalidade consciente. O desafio não é apenas ensinar a agir moralmente, mas ensinar a pensar eticamente diante de complexidades inéditas, nas quais as consequências de nossas escolhas transcendem a experiência imediata.

A resposta a esses desafios reside na compreensão da **virtude como prática cognitiva**. Se o cérebro é plástico, então a virtude cûng pode ser cultivada como habilidade. Meditação, reflexão ética, exercícios de empatia e resolução de conflitos tornam-se práticas de treino moral, fortalecendo circuitos neurais que promovem decisões equilibradas e conscientes. A virtude deixa de ser um ideal abstrato e torna-se habilidade treinável, assim como aprender a tocar um instrumento ou desenvolver uma língua estrangeira. Essa abordagem redefine a educação: não se trata apenas de transmitir conhecimento, mas de moldar consciências capazes de agir eticamente em um mundo complexo.

Em última análise, o **futuro humano** depende da capacidade de integrar emoção, razão e responsabilidade em cada decisão. Uma civilização ética será aquela que consegue alinhar os desejos individuais aos valores coletivos, equilibrando liberdade e responsabilidade. A neuroplasticidade moral oferece esperança: se o cérebro pode se transformar, a moralidade também pode evoluir, tornando possível uma sociedade mais justa, consciente e compassiva.





A ética do amanhã não é estática nem imposta; é uma jornada contínua de aprendizado e adaptação, na qual cada ato, cada reflexão e cada escolha contribuem para a construção de um mundo em que a compreensão e a empatia são tão naturais quanto respirar. A civilização futura será, portanto, reflexo de nossas práticas éticas cotidianas — pequenas ações moldando grandes futuros.

CONCLUSÃO

A moralidade humana emerge da interação complexa entre biologia, experiência e cultura. Este artigo demonstrou que a ética não é um constructo abstrato imposto por dogmas ou autoridades externas, mas sim uma construção dinâmica, moldada pelo cérebro e pelo ambiente social. A análise das estruturas cerebrais — como o córtex pré-frontal ventromedial, a amígdala, a ínsula e o córtex cingulado anterior — evidenciou que emoção e razão são inseparáveis no julgamento moral, sendo a consciência ética resultado da fusão entre sentir e pensar.

A neuroplasticidade surge como conceito central, mostrando que o cérebro humano é maleável e capaz de reconfigurar suas conexões sinápticas em resposta a experiências, aprendizados e relações sociais. Essa plasticidade moral revela que o comportamento ético pode ser desconstruído, reprogramado e aprimorado ao longo da vida, por meio da educação, do diálogo e da vivência de valores empáticos.

A análise também reforçou que a moralidade possui uma base evolutiva, presente não apenas nos seres humanos, mas em outras espécies sociais que exibem comportamentos cooperativos e altruístas. A ética, portanto, é fruto da interação entre instinto, razão e consciência simbólica, sendo simultaneamente biológica e cultural.

O futuro da ética humana depende da integração entre emoção, razão e responsabilidade coletiva. Em uma sociedade marcada pela tecnologia, globalização e desafios éticos inéditos, a capacidade de cultivar virtudes como empatia, cooperação e reflexão crítica será determinante para a construção de um mundo mais justo e sustentável. A





moralidade deixa de ser uma imposição e torna-se uma prática cotidiana, consciente e treinável, na qual cada ação individual reverbera no bem-estar coletivo.

Em síntese, a neurofilosofia moral demonstra que somos biologicamente capazes de evoluir eticamente, mas essa evolução exige compromisso consciente: desenvolver empatia, educar para a reflexão crítica e construir ambientes que favoreçam o crescimento ético. O conhecimento da neurobiologia da moralidade não diminui o valor da ética; ao contrário, o enriquece, fornecendo fundamentos científicos para a reflexão filosófica e para a construção de uma civilização guiada pela sensibilidade informada, pela responsabilidade e pelo respeito mútuo.

A ética do futuro será, assim, uma síntese de ciência, filosofia e experiência, um projeto contínuo de aprimoramento humano, no qual a capacidade de sentir e pensar de forma integrada define o caminho para uma sociedade mais consciente, compassiva e moralmente madura.

REFERÊNCIAS

BLOOM, Paul. **Against empathy**: the case for rational compassion. New York: Ecco, 2016.

BOEHM, Christopher. **Moral origins**: the evolution of virtue, altruism, and shame. New York: Basic Books, 2012.

CHURCHLAND, Patricia. **Braintrust**: what neuroscience tells us about morality. Princeton: Princeton University Press, 2011.

DAMASIO, Antonio. **E o cérebro criou o homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DAMASIO, Antonio. **Feeling and knowing**: the brain's moral compass. New York: Pantheon Books, 2021.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.3.n.5. out/nov/dez. 2025 - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





DE WAAL, Frans. **O último abraço da matilha**: a emoção em animais e o que ela nos diz sobre nós mesmos. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

DOIDGE, Norman. **The brain that changes itself**: stories of personal triumph from the frontiers of brain science. New York: Viking, 2007.

GAZZANIGA, Michael. **The ethical brain**: the science of our moral dilemmas. New York: HarperCollins, 2005.

GAZZANIGA, Michael. **Who's in charge?**: free will and the science of the brain. New York: Ecco, 2011.

GOLEMAN, Daniel. **Emotional intelligence**: why it can matter more than IQ. New York: Bantam Books, 1995.

GREENE, Joshua. **Moral tribes**: emotion, reason, and the gap between us and them. New York: Penguin, 2013.

GREENE, Joshua; HAUSER, Marc; SINGER, Tania; et al. **The neural basis of moral cognition**: integrating emotion and reason. Cambridge: MIT Press, 2020.

HACKEL, L. M.; ZAKI, J.; VAN BAVEL, J. J. Intergroup contact reduces implicit prejudice and boosts real-life prosociality. **Nature Communications**, v. 13, n. 1, p. 6569, 2022.

KOENIGS, Michael; TRANEL, David. **The neurobiology of moral cognition and behavior**. Oxford: Oxford University Press, 2021.

KOENIGS, Michael; YOUNG, Liane; et al. Damage to the prefrontal cortex increases utilitarian moral judgments. **Nature**, v. 446, p. 908–911, 2007.

MCLAUGHLIN, Katie; PERRY, Bruce; et al. Childhood adversity and the neurobiology of moral development. **Developmental Science**, v. 24, n. 3, 2021.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.3.n.5. out/nov/dez. 2025 - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





MOLL, Jorge; DE OLIVEIRA-SOUZA, Ricardo; et al. **The neural basis of human moral cognition**: reward, emotion, and social interaction. New York: Oxford University Press, 2022.

PINKER, Steven. **Enlightenment now**: the case for reason, science, humanism, and progress. New York: Viking, 2018.

SAPOLSKY, Robert. **Behave**: the biology of humans at our best and worst. New York: Penguin, 2017.

SINGER, Peter. **The expanding circle**: ethics, evolution, and moral progress. Princeton: Princeton University Press, 2011.

SINGER, Tania; LAMM, Claus. The social neuroscience of empathy. **Current Biology**, v. 19, n. 19, p. R875-R879, 2009.

TEICHER, Martin; ANDERSEN, Susan; et al. The neurobiological consequences of early stress. **Nature Reviews Neuroscience**, v. 21, p. 375–388, 2020.

WILSON, Edward O. **The social conquest of earth**. New York: Liveright, 2012.

YOUNG, Liane; KOENIGS, Michael. **Investigating the neuroscience of moral judgment**. Cambridge: MIT Press, 2021.

ZAK, Paul. **The moral molecule**: the source of love and prosperity. New York: Dutton, 2012.

Recebido em: 29/08/2025

Aprovado em: 30/09/2025

Publicado em: 03/11/2025

